

ENTREVISTA DE DOMINGO José de Moura Campos Neto

Histórias da Medicina em Mogi

CARLA OLIVO

O sonho de ser médico, que começou logo na infância, trouxe José de Moura Campos Neto a Mogi das Cruzes. Paulista de Tietê, ele viveu até a juventude ao lado do pai José Raphael de Moura, que era dono de farmácia, da mãe, a professora Latifa Abdalla de Moura, e dos quatro irmãos - Luiz Antonio, Maria de Lourdes, Maria Aparecida e Maria Teresa. Aos 18 anos, deixou a terra natal com destino à Capital, onde fez o cursinho preparatório para o vestibular. Aprovado, na então disputadíssima seleção para ingressar no curso de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) - eram 30 candidatos por vaga -, ele se mudou para a Cidade e, primeiramente, morou em uma pensão, na esquina

das ruas São João e Coronel Cardoso Siqueira. As aulas aconteciam na Policlínica, na Rua Dom Antônio Cândido Alvarenga e, apenas no último ano do curso, foram transferidas para o campus universitário, no Centro Cívico. Logo no início, começou a trabalhar, nos períodos de férias, no Projeto Rondon, que encaminhava jovens universitários para atendimento supervisionado por professores em vários estados, como Norte e Nordeste do País e, em Mogi, funcionava no antigo Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (Samdu), no Jardim Santista. No segundo ano do curso, passou a conciliar as atividades acadêmicas com o trabalho no laboratório de Análises Clínicas Bonelli, onde ficou até

1978. Dois anos depois, com outros quatro profissionais, fundou o Sancet Laboratório Médico, do qual é sócio-proprietário. Paralelamente ao trabalho na empresa, deu plantões em prontos-socorros, principalmente na Santa Casa de Mogi, teve consultório na Cidade, atendeu 25 anos na Associação Comercial de Mogi das Cruzes (ACMC), onde dirigiu o Departamento de Saúde, e foi secretário municipal de Saúde durante os mandatos dos ex-prefeitos Manoel Bezerra de Melo e Junji Abe. Na entrevista a **O Diário**, Neto, que recebeu em 2011 o título de Cidadão Mogiano entregue pela Câmara Municipal, compartilha suas histórias vividas na Medicina na Cidade:

O senhor nasceu no Interior do Estado. Por que a vinda para Mogi das Cruzes?

Nasci e morei em Tietê até os 18 anos, quando vim para São Paulo fazer o cursinho preparatório para o vestibular de Medicina. A seleção era muito disputada, com 30 candidatos concorrendo a cada vaga. Fiz a prova no prédio da Rua Senador Dantas, onde ficavam os alunos de Engenharia. Fui aprovado e, em 1972, iniciei o curso na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), na época em que as aulas ainda aconteciam na Policlínica, na Rua Dom Antônio Cândido Alvarenga, já que não havia o campus universitário do Centro Cívico. Apenas no último ano é que as atividades foram transferidas para lá. Inicialmente, morei em uma pensão, na esquina das ruas São João e Coronel Cardoso Siqueira.

Ser médico era um sonho?

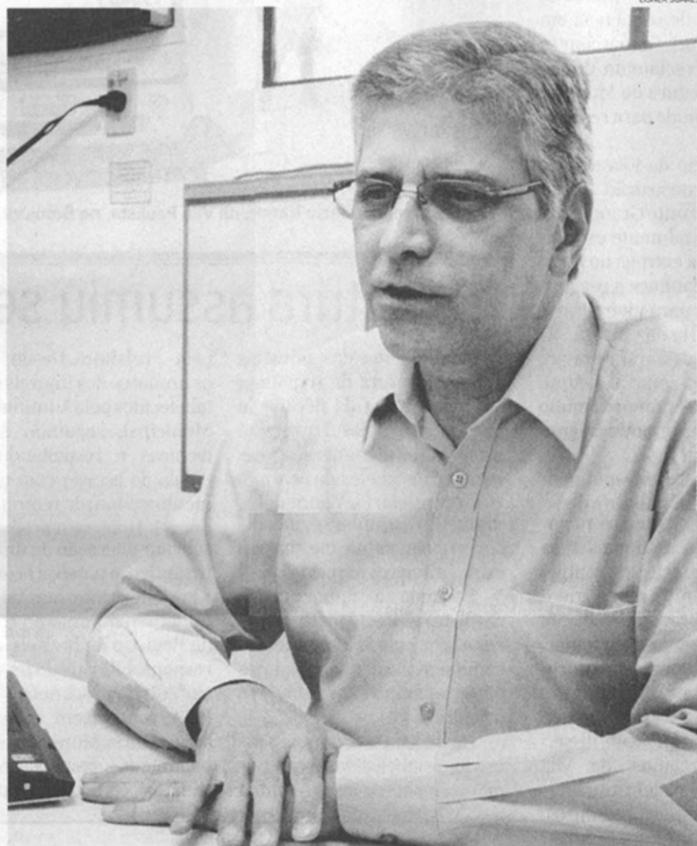
Sim, desde a infância. Já estava no sangue. Meus tios eram médicos. Meu avô tinha criação de galo e eles brigavam entre si. Eu, com 5 anos, o ajudava a costurar os ferimentos. Além disso, meu pai teve farmácia e quando eu era criança, me ensinou a aplicar injeções nele. Em casa, ele tinha guardado muitas coisas, como caixas de seringa, e eu sempre brincava com isso. O tempo passou, a opção pela Medicina já estava certa e me formei na quinta turma do curso, em 1977.

Como era Mogi no início da década de 70, quando o senhor chegou aqui?

Tranquila, mas grande se comparada a Tietê. Quando sai de lá, a cidade tinha 20 mil habitantes e hoje são 40 mil. Aqui temos 400 mil. Apesar de ter morado um ano em São Paulo para fazer o cursinho, não houve impacto quando cheguei a Mogi, porque foi uma recepção gratificante, principalmente dos colegas de classe, já que vivíamos em função da faculdade e do trabalho. A diferença era que em Tietê havia apenas uma família de japoneses e aqui, via descendentes por todos os lados. Quando me casei, morei um ano no Edifício Rio Negro, no Centro da Cidade, e lá nos sentíamos em Tóquio, porque a maioria das pessoas era da colônia. Essa presença era tão marcante que, tempos depois, estudei japonês para interagir com os pacientes.

Qual foi o primeiro emprego na Cidade?

Assim que cheguei comecei a trabalhar, nos períodos de férias, no Projeto



TRAJETÓRIA José de Moura Campos Neto, 60 anos, conta histórias vividas em Mogi

na Capital. Faziam parte da minha turma, Melquíades Machado Portela, que considero meu irmão mais velho e que sempre estudava quase todas as noites, após o trabalho, nas preparações para provas e estágios, como no Emílio Ribas; Ana Teresa Moino; Carlos Alberto Gallo; Marli Albuquerque; e Paulo Norberto Gaspar, já falecidos.

Como o senhor conciliava as aulas e o trabalho?

Como as aulas aconteciam em tempo integral, inclusive aos sábados, ficava difícil trabalhar e estudar, já que o curso era muito puxado. Na área laboratorial, tudo era feito manualmente. Eu entrava no Bonelli às 7 horas e colhia sangue até às 7h50 porque as aulas começavam às 8 horas. Quando dava meio-dia, voltava ao laboratório e adiantava a parte técnica até às 13h55, quando seguia para a Faculdade. Das 14 às 18 horas, continuava estudando e, então, retornava ao Bonelli para dar andamento à rotina do dia, onde ficava até 22 horas. De lá, ia para a república onde estudava até meia-noite. Além disso, havia plantões noturnos no laboratório e eu fazia parte do revezamento da equipe. Foi assim até um ano após formado. Em 1978, saí de lá, pensando em montar um laboratório próprio.

Como foi a especialização?

Fui dispensado da residência por trabalhar em laboratório há 4 anos. Ingressei com pedido de exame e título de especialização na Sociedade Brasileira de Patologia Clínica e fui aprovado em provas oral, escrita e prática. Também fiz cursos no Hospital do Servidor Público de São Paulo, na USP e na Escola Paulista de Medicina, e estudei Administração Laboratorial, no Instituto de Pesquisas Hospitalares, e Administração Hospitalar, no São

Camilo.

Quando o Sancet foi fundado?

Em 1980, eu, a bióloga Tiyomi Kimura Ikegaya e os biomédicos Gustavo Pacca e José Eduardo Cavalcante Teixeira, o Ado, fundamos o Sancet, que primeiramente funcionou na casa do Aroldo Pavan, na esquina das ruas Tenente Manoel Alves e Professor Flaviano de Mello. O imóvel chamava a atenção pelos belos vitrais e tínhamos apenas dois funcionários, um na recepção e outro na limpeza. Algum tempo depois, o Gustavo saiu da sociedade e, em 1990, o Ado, deixou o laboratório por causa da carreira política. O Sancet também funcionou na Rua Francisco Franco, por 5 anos, até que construímos a sede própria para o laboratório e, desde 1990, estamos na Avenida Voluntário Fernando Pinheiro Franco, onde temos 72 profissionais na equipe e oito postos de coleta, inclusive em Suzano, Ferraz de Vasconcelos e Itaquaquecetuba, e o Sancetinho, na Rua Otto Unger, direcionado às crianças, mas que também atende os adultos daquela região. Hoje, a sociedade é composta por mim; minha filha Marina, que é biomédica e trabalha comigo desde os 14 anos; minha esposa Cecília, que também é biomédica e especialista em micologia e fungos; Tiyomi; e o filho dela, o biomédico Roberto Joji Kimura.

Onde mais o senhor trabalhou?

Durante 25 anos, atendi na área de clínica geral na Associação Comercial de Mogi das Cruzes (ACMC), da qual fui diretor do Departamento de Saúde e onde recebi homenagem. Também trabalhei nos hospitais Santana, onde cuidei do Banco de Sangue, Mãe Pobre e, principalmente, em plantões da Santa Casa. A demanda de lá já era grande, porque sempre foi um hospital de referência na Região. Nos plantões noturnos, aos finais de semana, havia apenas um médico para todo o hospital. Atendia o Pronto-Socorro, pediatria, pacientes nos leitos e, como o intensivista da UTI (Unidade

de Terapia Intensiva) ficava apenas durante o dia, eu também era chamado para as intercorrências lá. Só não fazia cirurgia e nem parto. Quando havia esta necessidade, nós realizávamos o primeiro atendimento e diagnóstico e chamávamos a equipe de retaguarda. Até hoje recebo pessoas da época do PS. O interessante é que havia retorno dos pacientes ao Pronto-Socorro, que eram atendidos na emergência e voltavam na semana seguinte para verificarmos se problema tinha sido resolvido. Só parei de fazer clínica médica por falta de tempo, já que o laboratório exige muito, mas tive consultório, primeiramente junto com o laboratório, na Francisco Franco, e depois no prédio Mitsubishi, na Dr. Deodato Wertheimer.

O senhor estava na Santa Casa no dia do atendimento às vítimas do acidente com o trem dos estudantes?

Eucursava o primeiro ano da Faculdade e tive quatro amigos que morreram neste acidente. Fomos para a Santa Casa ajudar de alguma forma, principalmente na organização de filas para atendimento. Havia muitas pessoas doando sangue e todos os hospitais e médicos da Região colaboraram, porque o volume de feridos era grande e foi uma tragédia que ficou marcada. Em outro plantão, houve um acidente envolvendo uma Kombi e ônibus na Mogi-Guararema, com muitos feridos, que lotaram os corredores da Santa Casa. Este foi um plantão puxado porque havia muitas suturas para fazer e várias pessoas com fraturas.

Como a tecnologia influenciou o trabalho nos laboratórios?

Estamos sempre acompanhando a evolução tecnológica, já que as novidades em técnicas e equipamentos nesta área surgem diariamente. Além da segurança operacional para o paciente em relação ao exame, agiliza os resultados e, consequentemente, o diagnóstico e tratamento. Este salto da informática laboratorial é da geração da minha filha Marina e do Roberto Joji. Hoje, com o interfaceamento, o exame é colocado na máquina e eu consigo acessá-lo de casa e de onde mais estiver, os liberando inclusive do Exterior.

E seu trabalho como secretário municipal de Saúde?

Foi uma experiência exaustiva e positiva. Tudo cai na Saúde, a demanda só cresce e é um processo contínuo e dinâmico, que nunca tem fim. Sempre é preciso construir mais postos de saúde, ter mais médicos, mais ambulâncias... Fui secretário entre 1994 e 1995, na gestão do Padre Melo (Manoel Bezerra de Melo), e no primeiro mandato do Junji Abe, de 2001 a 2004, quando conseguimos criar a Vigilância Epidemiológica Municipal, Pró-Mulher, Centro de Controle de Zoonoses, Vigilância Sanitária Municipal, postos 24 horas, Programa Saúde da Família, entre outros, que continuam firmes e fortes. Deixei a Secretaria para dar mais atenção à família e ao laboratório.

O senhor teve envolvimento em outras atividades?

Durante quatro anos fiz parte do Rotary-Centro e atuei na área de serviços internacionais, mas sempre opinando na área da Saúde. Acompanhei a doação de ambulância ao Instituto

PERFIL

NOME: JOSÉ DE MOURA CAMPOS NETO

IDADE: 60 ANOS

NASCIMENTO: TIETÊ (SP)

ESTADO CIVIL: CASADO HÁ 35 ANOS COM

MARIA CECÍLIA REIS DE MOURA CAMPOS

FILHAS: MARINA E LAURA

NETOS: MATHEUS, MARIA CLARA E LUANA

FORMAÇÃO: MÉDICO PATOLOGISTA

CLÍNICO

TRABALHO: SÓCIO-PROPRIETÁRIO DO

SANCET LABORATÓRIO MÉDICO

Pró+Vida São Sebastião e também de cadeiras de rodas, e participei do início do Banco de Olhos em Mogi.

Onde o senhor conheceu sua mulher?

A Cecília estudava Biomedicina em Botucatu e Tietê era uma cidade em comum. Nós nos conhecemos lá e começamos o namoro. Quando nos casamos, em 1978, eu já estava aqui e morava em uma casa alugada pelo Laboratório Bonelli. Já casado, moramos no Edifício Rio Negro e nos mudamos para a Avenida São Paulo, no Socorro, uma semana depois que o asfalto chegou por lá. A Cidade praticamente acabava ali. Eram poucas casas, muitos terrenos livres para construção e quase nada de estabelecimentos comerciais. Depois fomos para a Agostinho Caporalli, na Vila Oliveira, e temos tudo lá.

Era possível imaginar que Mogi cresceria tanto?

Já imaginava este crescimento porque a Cidade sempre teve potencial, pela localização estratégica, perto da Dutra, no tempo em que ainda não havia a Ayrton Senna. Com a abertura da Mogi-Dutra, o desenvolvimento foi acelerado, o que se completou com a Mogi-Bertioga. Estamos perto do aeroporto, da praia, da Capital, de tudo. Criei raízes aqui, onde comecei a trabalhar antes da formação, em contato com médicos como Euclydes Tiossi, Osmar Marinho Couto, Homero Mariano, Jorge Nassu, Aristides Cunha Filho, Wilson Calderaro, e outros.

“Havia muitas pessoas doando sangue e todos os hospitais e médicos da Região colaboraram”

Hoje, quais as suas distrações?

Ler, assistir a filmes e estudar violino.

Tenho ido muito

a Piracicaba, onde mora minha filha Laura, que é publicitária. Também frequento o Clube de Campo, do qual sou sócio desde que me casei. Na área esportiva, em Mogi torço pelo Corinthians e, em Piracicaba, pelo São Paulo, por causa dos netos. Quando criança, pratiquei natação em Tietê e, em Mogi, fiz karatê e cheguei à faixa azul, na academia do Paulo Higa. Gosto de viajar e, por causa do trabalho, estive várias vezes no Exterior. Durante o processo de certificação de ISO, fiquei dois meses em Cambridge, na Inglaterra, visitando hospitais, que são referência nesta área, e trouxe muitas ideias para cá.

Ficaram saudades da Mogi das Cruzes de antigamente?

Sinto falta da tranquilidade porque, com o crescimento da Cidade, a violência aumenta. Mas agora está melhor, com mais estrutura de serviços e comércio. Na área médica, a evolução também foi grande. Na Região do Alto Tietê, Mogi tem o segundo melhor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).